

# Sala de aula de língua portuguesa: Lugar de dicionários? Lugar de falantes? Que relações são essas?

Daiane da Silva Delevati<sup>1</sup>, Verli Petri<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Aluna de Graduação, Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)

<sup>2</sup>Professora Orientadora, Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)

delevatidaiane@yahoo.com.br, vpetri@terra.com.br

**Resumo.** *Esse trabalho visa a refletir sobre os resultados obtidos através do desenvolvimento do projeto "O Lugar do Dicionário como Instrumento Didático-Pedagógico no Ensino de Língua Portuguesa". Dessa forma, apresentaremos as reflexões acerca do estudo do funcionamento do dicionário, por meio de atividades desenvolvidas em sala de aula com uma turma de sétima série do Ensino Fundamental, de uma escola pública de Santa Maria. Estudo esse realizado a partir de uma perspectiva teórico-metodológica que segue os pressupostos da Análise de Discurso (AD) de Linha Francesa, fundada por Michel Pêcheux. Para esse trabalho selecionamos o ponto de vista que estabelece relações entre o que está posto na língua (o saber do falante) e o que passa a ser institucionalizado pela língua (o saber constante do dicionário). Assim, focaremos as contradições, os distanciamentos e também as aproximações entre esses saberes. Trata-se de um trabalho de observação / revelação do funcionamento das relações entre referente, designação e produção de sentidos no interior de um instrumento lingüístico da maior importância para o ensino de língua portuguesa - o dicionário.*

**Abstract.** *This work aims to promote a reflection concerning the results gotten through the development of the project named "The Place of the Dictionary as Didactic-Pedagogical Instrument in Portuguese Teaching". Thus, we present reflections about the dictionary functioning, considering classroom activities developed by seventh grade students of fundamental education, in a public school of Santa Maria, RS. This study has been realized according to theoretical and methodological perspective of French Discourse Analysis, based on Michel Pêcheux. In this paper, we focus on the relations between: what is established by the language (speaker's knowledge) and what is institutionalized by it (knowledge into the dictionary). In order to do this, we observe the contradictions, the approximations or the distanceless between those knowledges. It is a work of the observation/revelation of the functioning of the relations between referent, designation and production of meanings inside of the Dictionary - a great linguistic instrument in Portuguese teaching.*

**Palavras-chave:** Dicionário; língua; ensino.

## 1. Considerações Iniciais

*Eu conheço um bom lugar onde o bom é distinto do ruim; as palavras são transparentes; o sentido é correto, preciso e objetivo; não há o que interpretar, nem do que duvidar. As palavras referem-se, sempre, a uma única e mesma coisa, todas às vezes que lá vamos buscar informações e tirar dúvidas: um mundo construído pela ciência da linguagem com a própria linguagem. (Silva, p.151, 1996)*

Essa citação de Silva em relação ao dicionário define o estatuto muito próprio que é dado a esse instrumento lingüístico: Como o detentor de saber sobre a língua. Uma língua herdada do colonizador português e que muitas vezes não corresponde à realidade da ex-colônia. Para que se desconstrua essa relação díspar entre falante e dicionário, adentramos o espaço da sala de aula no ensino de língua portuguesa, em uma turma de sétima série de uma escola pública de Santa Maria para observar a presença/ausência do dicionário no ensino da língua. Quando, então, verificamos que a presença do dicionário em sala de aula era determinada pelo livro didático, *Encontro e Reencontro em Língua Portuguesa*, 1998, adotado pela escola, para as quatro séries finais do ensino fundamental, a proposta do livro é um estudo linear que relaciona significante e significado. Após a observação propomos algo diferente, propomos uma análise discursiva do funcionamento desse instrumento lingüístico, buscando historicizar cada palavra em análise, levando em conta que há um “real” da palavra e das idéias que ela nomeia, afinal “o que um nome designa é construído simbolicamente. Esta construção se dá porque a linguagem funciona por estar exposta ao real enquanto constituído materialmente pela história”. (Guimarães, 2002, p.91).

## 2. Considerações teóricas

Esse trabalho se sustenta no aparato teórico da Análise do Discurso de Linha Francesa fundada por Michel Pêcheux. A Análise do discurso (AD), desde a sua fundação, vem gerando discussões na área da Lingüística Aplicada, da Metodologia e da Didática do ensino de línguas e nos seus entornos, por propor a mudança do objeto de análise, que sai do domínio frasal ou textual e passa para o domínio do discurso, propondo diferentes metodologias de análise.

Dessa perspectiva, desconstroem-se os pares língua/ fala, competência/ desempenho, gramatical/agramatical e se propõem a consideração da língua em funcionamento, revelada em diferentes materialidades discursivas.

Ao considerarmos o dicionário como instrumento propício à discussão e à polêmica, estaremos adentrando o espaço da diversidade, da polissemia, onde diferentes designações podem estar carregadas com um mesmo sentido ou com sentidos diferentes, o que não modifica o objeto e sim as formas de apresentação (e de representação!) desse objeto. E é na prática discursiva que o sujeito se manifesta enquanto tal, e é também pela superfície da língua que o analista tem acesso à espessura do discurso. Isso vai apontar para uma nova teoria da significação, onde na verdade, a produção do sentido é um processo que se realiza na prática do discurso e, como propõe Henry (1993, p.152), a questão do sentido e da significação só pode permanecer “em aberto”. Para este autor, a questão do sentido é, constitutivamente, suscetível a “deslocamentos”, havendo sempre possibilidade de se tomar posições, mas não de resolvê-la definitivamente.

Em relação ao discurso, Pêcheux o concebe como “o efeito de sentidos entre os interlocutores”, esse efeito é produzido a partir da determinação de lugares sociais que os sujeitos ocupam. Por isso, é preciso levar em conta que a ideologia é um dos elementos determinantes nessas relações sociais entre os interlocutores, unindo-se a ela de modo especial, as condições de produção do discurso que são históricas, já que “as ideologias não são feitas de “idéias”, mas de práticas”. (Pêcheux, 1995, p.144). Nessa concepção, as condições de produção do discurso são determinantes do sentido, pois é a partir dessas condições (sociais, econômicas, ideológicas) que cada sujeito se posiciona diante do outro, produzindo efeitos de sentidos.

A língua da perspectiva discursiva a qual nos filiamos, funciona como um “observatório” de discursos que nos oferece diversas possibilidades de visualização, dentre as quais selecionamos para esse trabalho o ponto de vista que estabelece relações entre o que está posto na língua (o saber do falante) e o que passa a ser institucionalizado pela língua (o saber constante do dicionário).

Nosso olhar se volta então para o dicionário, enquanto constitutivo do “espaço imaginário de certitude, sustentado pela acumulação e pela repetição”, onde é possível “observar os modos de dizer de uma sociedade e os discursos em circulação em certas conjunturas históricas” (Nunes, 2006, p.1).

### **3. Sobre a prática em sala de aula**

O trabalho em sala de aula se constituiu pelas seguintes etapas: Primeiramente, a turma escreveu o que entendia/sabia sobre adolescente, independente e idoso. Na segunda parte realizaram entrevistas com aqueles que consideravam adolescente, independente ou idoso. E ao retornar em sala de aula partimos para o dicionário, observando os enunciados que seguiam os verbetes citados anteriormente, o que gerou discussão e reflexão acerca do dicionário e da produção de sentidos.

Eis as amostras das discussões e análises de três palavras-chave, utilizadas com frequência nessa faixa etária e as reflexões acerca das diferenças/semelhanças, aproximações/distanciamentos entre a língua falada e a relação dessa com o que está posto no dicionário.

#### **3.1. Enunciados da turma**

Sobre adolescente:

*“Adolescente para mim é uma fase da vida de uma pessoa, uma fase de mudanças tanto corporais como também mudanças no temperamento do jovem. Uma fase que todo mundo tem que passar, uma fase super importante, que é nessa fase que construímos nosso futuro, os objetivos, as metas para a vida...”*

*“Adolescência é uma das melhores fases da vida onde aprendemos os segredos da vida adulta.”*

Sobre independente:

*“Independente é cuidar si mesmo, ter uma vida própria, ter responsabilidade.”*

*“É ter vida própria, ter maturidade para encarar os problemas sozinha, não precisar de ninguém.”*

*“Ter suas próprias escolhas e ter vida própria, não depender de nada e ninguém.”*

Sobre idoso:

*“Os idosos são pessoas com bastante experiência”.*

*“Os idosos são pessoas que devem ser respeitadas”.*

*“Eu penso que idoso é aquela pessoa que tem certa experiência de vida, e tem maturidade suficiente para conhecer o mundo em que vive. Idoso, por ser experiente merece aquele respeito maior, devendo ser, portanto mais respeitado e ouvido. Porém, nem sempre é ouvido. Isso porque ainda há pessoas que não respeitam ele”.*

### 3.2. Enunciados dos entrevistados

Sobre adolescente:

*“Sou adolescente porque estou bem na época de namorar, sair bastante, mas claro sem deixar os estudos de lado!” (T, 17 anos)*

*“Sou adolescente porque já tenho espinhas, já tenho namorada, já tenho dezesseis anos, e principalmente, porque eu penso antes de fazer algo, exemplo: se eu vou brigar, penso se vale a pena.”(16 anos)*

Sobre independente:

*“Não sou independente, porque todas as pessoas dependem umas das outras, principalmente de forma afetiva. Só é independente quem vive isolado, como ninguém vive isolado, todo mundo é dependente um dos outros.” (Professor, 29 anos)*

*“Ser independente é viver conforme seus valores, mas infelizmente há regras que a gente tem que cumprir, mesmo não gostando.”*

*“Ser livre para fazer o que quiser.”*

*“Viver com responsabilidade, ter vida própria, não depender de pai e mãe, ter sua liberdade, às vezes sua casa própria, ter o seu emprego”. (M, 43 anos)*

*“Sou idoso porque eu já vivi muita coisa nessa vida. Ser idoso é ter a responsabilidade de ser o patriarca da família, o mais experiente” (A, 68 anos).*

*“Sou idoso porque já trabalhei muito e hoje estou aposentado. Idoso é ser o conselho e alertar os mais novos” (H, 82 anos).*

*“Sou idoso porque já passei muito nesse mundo de Deus. Ser idoso é estar sempre observando as coisas e dando dicas”. (F, 89 anos)*

*“Sou idoso porque me considero normal para a idade. Para mim idosa aquela pessoa que precisa de ajuda para conviver. Sou uma pessoa que não fica parada, que vê problemas e tenta ajudar; a pessoa trabalhadora”. (H, 69 anos)*

### 3.3. Enunciados dos dicionários: (Aurélio, Houaiss, Luft):

Sobre adolescente: *Que, ou quem está na adolescência. Que ainda não atingiu todo o vigor.*

Adolescência: *Idade entre 12 e 18 anos; Juventude; Que ainda não alcançou o pleno desenvolvimento; jovem.*

Sobre Independente: *Que não depende nada ou ninguém; autônomo; livre.*

Livre: *Que está isento de qualquer vínculo ou obrigação social; desregrado; licencioso.*

Desregrado: *Que está fora das regras; devasso.*

Sobre idoso: *quem tem muitos anos de vida; que tem muita idade; velho.*

Velho: *desusado, antiquado.*

Desusado: *que esta fora de uso, que não é aproveitado; antiquado.*

Antiquado: *que esta fora de moda; ultrapassado.*

Prestemos, então, atenção no jogo de diferenças constitutivo da relação entre o que está posto no social da língua e o que está institucionalizado no dicionário.

“... depois procuramos no dicionário, mas na verdade não constava a mesma opinião. Também descobrimos que o dicionário muitas vezes não está certo”.(C)

“A gente acha que nem tudo está no dicionário”. (J)

“Eu não concordo e não acho legal o que pensam sobre idosos”. (M)

“Eu acho que não estão fora de moda, e ‘desuso’, eu acho que é muito pejorativo”. (H, aluna)

“E o mais interessante é que na verdade nada e ninguém são independente, todos dependemos de algo para sobreviver. Ex: Água, comida, etc.”

“O dicionário, assim como nós, também falha. Às vezes o que está no dicionário não tem nada a ver com a nossa fala, com a língua do dia-a-dia”. (L)

#### **4. Considerações finais**

A partir dessas reflexões que emergem na sala de aula de língua portuguesa, buscamos desmistificar um pouco o funcionamento do dicionário como detentor do saber sobre as palavras da língua para que esse passe a funcionar como mais um lugar de realização das relações entre sujeito e língua.

O estudo da língua culta (oficial) pode produzir um processo discursivo histórico de apagamento de elementos lingüístico fortemente presentes na língua coloquial ou ficcional, mas por outro lado tem o poder de estabelecer relações entre as semelhanças/diferenças lingüístico/culturais/literárias como constatamos na experiência acima relatada.

Portanto, é preciso levar em conta que há um processo de produção dos efeitos e sentidos em pleno funcionamento e que é nas relações entre língua e sujeito que o dicionário se efetiva de fato. Os efeitos de sentidos podem ser observados no dicionário enquanto objeto discursivo em funcionamento na sala de aula de Língua Portuguesa. O sujeito, nesse trabalho é afetado pela ideologia e atravessado pelo inconsciente, não sendo origem de seu dizer nem o controlador dos sentidos que seu dizer pode produzir (Pêcheux, 1995), assim, entendemos que não há uma relação direta entre as palavras e as coisas ou entre a palavra e um sentido literal, mesmo que estejamos tratando de dicionários. Os sentidos, então, estão todos à margem (Orlandi, 1996), sendo chamados ao centro pelas condições do discurso, pela posição do sujeito, etc. O sentido sempre pode ser outro.

#### **5. Referências bibliográficas**

GUIMARÃES, Eduardo. *Semântica e acontecimento*. Campinas, SP: Pontes, 2002.

HENRY, Paul. (1993) *Sentido, sujeito e origem*. Trad. Eni Pucinelli Orlandi. In: ORLANDI, Eni P. (Org) *Discurso Fundador*. Campinas, SP: Pontes, p.1-162.

NUNES, José Horta. *Dicionários no Brasil: Análise e História*. Campinas, SP: Pontes; São Paulo: Fapesp; São José do Rio Preto: Faperp, 2006.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e Discurso: uma crítica a afirmação do óbvio*. Trad. Eni P. Orlandi. 2 ed. Campinas, SP:Unicamp, 1995.

PRATES, Marilda. *Encontro e Reencontro em Língua Portuguesa/Ação e Reflexão*: Moderna, São Paulo SP, 1998.

SILVA, Mariza Vieira da. (1996) O dicionário e o processo de identificação do sujeito analfabeto. In: GUIMARÃES, Eduardo e ORLANDI, E. P. (orgs.): *Língua e cidadania: o Português no Brasil*. Campinas, SP: Pontes, p.151 – 162.

### **5.1. Dicionários disponibilizados aos alunos em sala de aula**

FERREIRA, A. B. H. *Minidicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira, 1993.

HOUAISS, A. *Minidicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

LUFT, C. P. *Minidicionário Luft*. São Paulo, SP: Ática, 2000.